

Copenhague e Os Aprendizes de Feiticeiro

A escola pode ser o palco da História da Ciência, cabe-lhe o papel de a dar a conhecer, mas sobretudo de reflectir eticamente sobre as suas descobertas.

A História foi desde a antiguidade e continua a ser hoje objecto de Teatro. Assim é que acontecimentos relativos à História da Ciência são por vezes temas de peças teatrais.

The Physicist é uma peça de 1962 por F. Dürrenmatt em que o autor reúne três físicos encerrados num asilo, supostamente doidos, personalizando o Rei Salomão, Newton e Einstein, que argumentam preocupados sobre o uso que as suas secretas descobertas nucleares poderiam ter se apropriadas por mãos diabólicas. O tema era então de enorme actualidade; o seu tratamento questionava intelectual e emocionalmente o público a propósito de graves preocupações contemporâneas, sem o recurso a factos históricos, mantendo obvio distanciamento ficcional; a peça mereceu grande sucesso na época.

Copenhagen (Methuen 1998, ISBN 0-413-72490-5) é uma recente peça de Michael Fray que, de novo abordando a génese das armas nucleares, dramatiza o encontro historicamente real de Werner Heisenberg, admitido responsável do programa nuclear da Alemanha nazi, com Niels Bohr, seu antigo mestre, na Dinamarca ocupada pelo exército alemão, em 1941. Esse facto histórico, envolvendo dois dos mais notáveis físicos do século XX, tem ao longo dos anos sido objecto de especulação à cerca dos motivos de ambas as partes e do que elas terão então dito e escondido, especulação esta alimentada pela posterior atitude, ambígua ou contraditória, de ambos os protagonistas à cerca do sucedido então. O distanciamento em relação ao facto histórico é obtido dramatizando o retorno dos dois personagens do além túmulo para os colocar eles mesmos a discutir o que acontecera nesse encontro. O essencial da peça é a problematização da reconstrução histórica e o problema epistemológico de em que medida cada um pode conhecer de facto as motivações de outrém e de si próprio. O autor procurou uma situação ficcional mas ao mesmo tempo o maior rigor histórico; o resultado é uma excelente peça, com enorme êxito desde a sua estreia em Londres em 1998, tendo ainda o mérito de levar a um público muito amplo a problematização da responsabilidade moral dos cientistas. O impacto público da peça realimentou a especulação em torno desse encontro e levou mesmo a família de Niels Bohr a decidir antecipar a divulgação de cartas que este escrevera mas nunca enviara a Heisenberg. O que aconteceu em Fevereiro deste ano 2002. Todavia o debate, embora mais esclarecido, continua provavelmente porque, para além dos factos históricos, estarem agora sobretudo em jogo questões filosóficas e morais.

As relações da Ciência e da Técnica com o poder político existiram desde sempre, e na esfera militar em particular. O aperfeiçoamento da metalurgia do ferro na Anatólia há 3200 anos, permitiu o fabrico em massa de armas com que foram equipados os primeiros grandes exércitos da antiguidade - Assírio e Persa - como recorda Heródoto nas suas Histórias. O desenvolvimento de armas de fogo, de artilharia e para a infantaria, após a introdução da pólvora na Europa no século XIV, permitiu a expansão dos impérios coloniais e foi instrumental no declínio do poder feudal. O recente livro *Les Apprentis Sorciers - Fritz Haber, Wernher von Braun, Edward Teller* da autoria de Michel Rival, Ed. du Seuil 1996 (versão em português *Aprendizes de Feiticeiro, o armamento no século XX*, Ed. Caminho 2002, ISBN 972-21-1465-4), recorda e analisa o papel de três cientistas que protagonizaram algumas das mais mortíferas inovações técnicas militares do último século: a guerra química, a guerra balística e a guerra nuclear. São casos excepcionais mas paradigmáticos de cientistas que personalizaram a progressiva constituição do complexo científico- militar- industrial, com uma obstinação de que estava ausente a consciência moral, sob um discurso abstracto de justificação patriótica e científica, vazio de valores humanos.

A consciência social dos cientistas têm sido activamente exercida por muitos outros cientistas. Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em Julho de 1946, foi constituída a Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, com o propósito de estabelecer o diálogo internacional para a prevalência da Paz. Alguns anos depois, a declaração de Albert Einstein e Bertrand Russell sobre armas nucleares, em Julho de 1955, abriu caminho à constituição do movimento Pugwash. Joseph Rotblat, um dos seus fundadores e presidente, veio a ser reconhecido com o prémio Nobel da Paz 1995.

As decisões sobre Ciência e Técnica, que se repercutem não só na realização de progressos sociais mas também no exercício da exploração e da guerra, não cabem só à capacidade profissional e à consciência moral dos cientistas, cabem igualmente à sua compreensão pelos demais cidadãos e à vigilância cívica de todos sobre o poder político. Daí a importância da Escola. E também, como vimos logo de início, a importância de outras formas eficazes de levar ao povo o conhecimento da História e a percepção e a reflexão sobre as questões sociais e morais que a Ciência coloca. É o caso do Teatro.